Globethics Repository



Não se pode lutar contra a pobreza sem preservar a biodiversidade [You can not fight poverty without preserving biodiversity]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Wolfart, Graziela
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-12 20:01:16
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160608

ma permeabilidade das espécies nativas. Não há atrativos, recursos, para que as espécies, mesmo aquelas que têm maior mobilidade, como as aves, permaneçam nessas regiões. As espécies mais exigentes tendem a desaparecer, e a maior parte é substituída por uma fauna mais empobrecida, mas ainda assim rica se compararmos à diversidade de pássaros no campus da USP, por exemplo. Nosso processo de urbanização precisa ser revisto. Um dos grandes problemas da alteração de ambientes é que normalmente as respostas a essas alterações levam um tempo grande. O cidadão comum não consegue conectar aquela remoção de florestas que aconteceu há 15 anos com os problemas de enchente que está tendo hoje. Esse tempo entre a causa e as consequências que têm algum impacto maior na vida da cidade na metrópole faz com que as pessoas tenham dificuldade em fazer essas conexões.

IHU On-Line - Como o senhor define a posição do Brasil em relação à forma como lida com sua biodiversidade?
Carlos Joly - Vivemos no Brasil uma situação muito particular em relação às exigências e aos compromissos internacionais que assumimos ao assinarmos a Convenção da Biodiversidade e a Convenção de Mudanças Climáticas. Nossa principal fonte de emissão de gases de efeito estufa é a mudança de uso da terra, principalmente a queima de florestas da região amazônica, que é também nosso principal impacto em termos de destruição de espécies, muitas delas ainda nem conhecidas e que estão sendo destruídas nessas áreas. Então, o Brasil em vez de usar de maneira positiva a sinergia entre essas convenções para angariar recursos internacionais, de apoio internacional, para conseguir manter áreas, fazer conservação, ampliar efetivamente as garantias e a segurança, a integridade de nossas unidades de conservação, vive a sinergia negativa, que é o fato de estarmos em quinto lugar como campeões de emissão em gases estufa porque destruímos nossa biodiversidade em vez de preservamos e darmos condições a nossas gerações futuras de eventualmente usarem de maneira sustentável esse recurso.

"Não se pode lutar contra a pobreza sem preservar a biodiversidade"

Julia Marton-Lefèvre defende que a biodiversidade constitui a base de toda a vida sobre a Terra

Por Graziela Wolfart

"É essencial assegurar que os mercados trabalhem em favor da biodiversidade. É preciso dar aos serviços que a natureza nos fornece um valor econômico, para assim incitar a se preservar e restaurar os ecossistemas e penalizar aqueles que engendram desgaste sobre o meio ambiente. O pagamento dos serviços ecossistêmicos pode revolucionar os modos de produção e de consumo. É necessário contabilizar o valor da natureza na renda nacional, para melhorar a medida tradicional do PIB como indicador de progresso econômico". A opinião é de Julia Marton-Lefèvre, diretora-geral da União Internacional pela Conservação da Natureza (UICN). Na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**, ela faz um alerta: "a taxa de extinção atual é mil vezes mais rápida do que seria em estado natural, sem intervenção humana. Portanto, o tempo urge, e a extinção das espécies é irreversível".

Julia Marton-Lefèvre é diretora-geral da União Internacional pela Conservação da Natureza (UICN) (www.iucn.org), que reúne governos, ONGs e cientistas em uma parceria única no mundo com mais de 1000 membros. Já foi reitora da Universidade da Paz, diretora executiva do LEAD (Leadership for Environment and Development International) e diretora executiva do Conselho Internacional para a Ciência (ICSU). É coautora de vários livros e artigos. Em 1999, recebeu o Prêmio AAAS para a Cooperação Internacional em Ciência. É membro da Sociedade Real Geográfica do Reino Unido. Estudou História, Ecologia e Planejamento Ambiental nos Estados Unidos e na França e nasceu na Hungria. Confira a entrevista.

IHU On-Line- Em que sentido a biodiversidade interfere no bem-estar das sociedades humanas e de suas economias?
Julia Marton-Lefèvre - A biodiversidade constitui a base de toda a vida sobre a Terra. Ela é crucial para o bom funcionamento dos ecossistemas que nos fornecem bens e serviços sem os quais não poderíamos viver. Mais da metade dos habitantes do planeta vivem nas cidades. Somos numerosos ao comprarmos nossos alimentos no supermercado, ao abrir a torneira para obter água, ao comprar nossos medicamentos na farmácia e nossos móveis nos centros comerciais. Mas, é preciso não esquecer que o oxigênio, os alimentos, a água doce, os medicamentos, o abrigo, a proteção contra as tempestades e as inundações, um clima estável, bem como os lazeres, saíram da natureza e de ecossistemas sadios. A natureza continua sendo a fonte fundamental de tudo aquilo que os seres humanos

miolocorreto.indd 8 12/4/2010 17:06:28

necessitam e desejam para viver e expandir-se. As abelhas polinizam nossas sementes, os oceanos nos oferecem seus peixes, as florestas purificam a água que bebemos. Chamamos isso de serviços ecossistêmicos. Ecossistemas sadios são, pois, a base de nossa vida diária sobre a Terra, nosso único lar.

IHU On-Line - Quais as principais metas e desafios da União Internacional pela Conservação da Natureza?

Julia Marton-Lefèvre - Hoje o desafio é preservar as condições específicas de nosso planeta, resultado de milhões de anos de evolução natural dos animais, das plantas e de seus habitats, que nos permitem viver e expandir-nos. Como podemos equilibrar as necessidades dos povos e as necessidades do planeta que nos abriga? O desenvolvimento humano, econômico e social deve continuar a fim de reduzir a pobreza e melhorar o bem-estar dos povos. A UICN quer assegurar que as melhores decisões sejam tomadas, fundadas sobre uma boa ciência em lugar de dogmas políticos, tudo implicando na grande diversidade das pessoas e das organizações de nossas sociedades. Durante sessenta anos, a UICN guiou o desenvolvimento da ciência da conservação e do conhecimento e reuniu os governos, as ONGs, os cientistas, as sociedades e as organizações comunitárias para ajudar o mundo a melhor conservar e a tomar as melhores decisões desenvolvimentistas. Nossa missão é de influenciar, de encorajar e de ajudar as sociedades a conservar a integridade e a diversidade da natureza e de assegurar que os recursos naturais sejam utilizados de maneira equitativa e durável. Em particular, dois objetivos principais para este ano serão de adotar novos objetivos internacionais para reduzir a perda da biodiversidade, e fazer com que as soluções "naturais" para as mudanças climáticas sejam integradas no futuro acordo sobre o clima. 2010 é o ano internacional da biodiversidade. Infelizmente, o objetivo de reduzir a taxa de perda da biodiversidade até 2010, que os estados tinham fixado, não será atingida. Novos objetivos mais concretos, mais claros e ambiciosos devem ser adotados. A UICN conclama os governos a adotarem as medidas necessárias para frear a perda da biodiversidade até 2020, para que a biodiversidade possa ser conservada e restaurada até o horizonte de 2050. O impacto das mudanças climáticas sobre o meio ambiente, a biodiversidade, a saúde e a segurança dos seres humanos se tornarão sempre mais graves se as emissões de gás de efeito estufa não forem imediatamente reduzidas. No entanto, a natureza também está em condições de nos fornecer utensílios poderosos para lutar contra a mudança climática. Esses utensílios são rentáveis, duráveis e já disponíveis. Eles podem permitir-nos agir imediatamente sem esperar que as inovações tecnológicas necessárias a um modo de vida pós-carbono estejam perfeitamente "no ponto".

Por exemplo, a prevenção do desmatamento e a restauração das florestas permitem reduzir as emissões de gás de efeito estufa. O desmatamento representa atualmente 20% das emissões. Os oceanos são capazes de absorver mais de um quarto do dióxido de carbono que nós emitimos a cada ano.

IHU On-Line - Em que medida a produção de transgênicos interfere na biodiversidade das sementes?

Julia Marton-Lefèvre - A utilização dos organismos geneticamente modificados (OGM) como alimento ou fonte de energia se expande em muitos países. Embora os OGM possam agir potencialmente em benefício do desenvolvimento e criar meios de subsistência, devemos permanecer vigilantes quanto à suas possíveis consequências negativas para a biodiversidade, à segurança alimentar, à saúde e ao meio ambiente. O aspecto geniosamente controverso da modificação da diversidade genética poderia levar a uma perda da biodiversidade. Aí também poderiam ocorrer, como consequências, inesperadas transferências de genes entre as plantas ou a criação de ervas daninhas ou plantas invasoras que resistiriam a todo controle. Por isso, a UICN é a favor de uma moratória sobre a utilização dos OGM, até que seja demonstrado que elas são isentas de dano para a biodiversidade e a saúde humana e animal.

IHU On-Line – Como o mundo absorve o conhecimento de que nossa biodiversidade é muito rica? Como a abundância da biodiversidade implica em outros setores da sociedade, como a economia, por exemplo?

Julia Marton-Lefèvre - Como eu dizia mais acima, a natureza nos fornece a infraestrutura e os serviços de base para todas as atividades econômicas humanas. Um estudo sobre a economia dos ecossistemas e da biodiversidade (TEEB)[1] de 2008 ressalta que os desgastes sobre a economia e o bem-estar humanos ligados à perda da biodiversidade e dos ecossistemas já são enormes, de diversos trilhões de dólares ao ano, e continuam a aumentar. Não se pode lutar eficazmente contra a pobreza em longo prazo sem preservar a biodiversidade. É essencial assegurar que os mercados trabalhem em favor da biodiversidade. É preciso dar aos serviços que a natureza nos fornece um valor econômico, para assim incitar a se preservar e restaurar os ecossistemas e penalizar aqueles que engendram desgaste sobre o meio ambiente. O pagamento dos serviços ecossistêmicos pode revolucionar os modos de produção e de consumo. É necessário contabilizar o valor da natureza na renda nacional, para melhorar a medida tradicional do PIB como indicador de progresso econômico.

IHU On-Line - Como deve ser feito o cálculo do custo, para a humanidade, provocado pelas perdas da biodiversidade?

Julia Marton-Lefèvre - O custo da perda da biodiversidade é enorme, porém não somente para a economia. O recente estudo de avaliação dos ecossistemas para o milênio (Millenium Ecosystem Assessment) concluiu que perto de 60% dos serviços fornecidos pelos ecossistemas no mundo estão degradados. Por exemplo, imensas extensões de florestas desapareceram, os estoques de peixes diminuíram dramaticamente, os rios estão poluídos e as cidades não cessam de estender-se. Quando os ambientes são deteriorados ou destruídos, são todas as espécies que aí vivem que se encontram

1 Em inglês: The Economics of Ecosystems & Biodiversity (TEEB). **(Nota da IHU On-Line)**

miolocorreto.indd 9 12/4/2010 17:06:28

ameaçadas, e nós fazemos parte delas. Imagine que 30% de sua família e de seus amigos estejam fortemente ameaçados de desaparecer, ou que 60% da capacidade produtiva de sua fazenda ou usina esteja degradada?

IHU On-Line - O que mais impressiona hoje na "lista vermelha" da biodiversidade?
Julia Marton-Lefèvre - A lista vermelha das espécies ameaçadas constitui o inventário mundial mais completo sobre a biodiversidade. Após mais de 40 anos, ela relaciona as espécies e nos oferece hoje uma análise alarmante da situação: sobre as 47.667 espécies estudadas em 2009, 17.291 estão ameaçadas de extinção. É mais de um quinto de todas as espécies mamíferas, das quais nós fazemos parte, bem como a metade das espécies de tartarugas, quase 40% dos peixes de água doce e um terço dos anfíbios. Mais de um quarto dos recifes de corais e de coníferas também correm o risco de desaparecer. A taxa de extinção atual é mil vezes mais rápida do que seria em estado natural, sem intervenção humana. Portanto, o tempo urge, e a extinção das espécies é irreversível.

IHU On-Line - Que exemplos de iniciativas a sociedade civil pode assumir no sentido de preservar a biodiversidade do planeta?
Julia Marton-Lefèvre - Cabe a cada um adotar gestos ecológicos no cotidiano e incitar os governos e as empresas a fazer da preservação da biodiversidade uma prioridade maior. Em nossa vida cotidiana, nós podemos:
- Reutilizar, reparar, reciclar e fazer compostagem.
- Escolher produtos recicláveis ou reciclados e produtos utilizando menos embalagem.
- Reduzir o próprio consumo de água e de eletricidade.
- Escolher, se possível, fontes de energia renováveis.
- Escolher, para os deslocamentos pessoais, os transportes coletivos, a bicicleta ou a caminhada a pé, se possível, e evitar as viagens de avião inúteis.
- Nós também podemos evitar o consumo de espécies ameaçadas, notadamente de peixes.

Adequação ecológica: única forma de garantir a sustentabilidade

Lilian Dreyer considera que o equilíbrio ambiental é muito delicado, e os humanos interferem nele com uma tecnologia poderosa - e bem pouco sábia

Por Graziela Wolfart e Márcia Junges

Baseada nas lições que teve com o ambientalista José Lutzenberger, falecido em 2002, a jornalista Lilian Dreyer alerta que "o planeta, sem a interferência humana, rapidamente recuperaria seus equilíbrios. Mas os humanos, sem os equilíbrios do planeta, rapidamente perderão seu futuro. Ou, na melhor das hipóteses (talvez na pior), perderão o que entendemos como vida civilizada". Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**, ela defende que "hoje qualquer leigo pode atestar, porque é visível a olho nu, que a biodiversidade está em redução acelerada, e que isso é consequência direta do modelo de desenvolvimento econômico que começou a tornar-se global por volta da metade do século passado".

Jornalista, formada pela UFRGS, e escritora, Lilian é diretora da Vidicom Edições, com atuação na área de produção audiovisual e desenvolvimento cultural. Vinculada ao cooperativismo e ecologia, atuou no Conselho Educativo da Cooperativa Ecológica Coolméia, de Porto Alegre, e, em 1996, assumiu o cargo de presidente do Conselho de Administração, permanecendo na função (eletiva e não-remunerada) até junho de 1999. É autora de, entre outros, *Sinfonia Inacabada - A Vida de José Lutzenberger* (Porto Alegre: Vidicom Audiovisuais Edições, 2004) e, junto com Maria Elena Johannpeter, *O Quinto Poder- Consciência Social de uma Nação* (Porto Alegre: L&PM, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que Lutzenberger ensinou de mais relevante em relação à biodiversidade? Qual seu maior legado quando o assunto é a preservação da diversidade das espécies?
Lilian Dreyer - Mesmo tendo editado três de seus livros e escrito sua biografia, mal me atrevo a responder a essa questão. Lutzenberger[1] tinha uma capacidade prodigiosa de perceber conexões, e tentou como pôde levar seus companheiros de espécie

1 **José Antônio Lutzenberger** (1926-2002): Foi um agrônomo e ecologista brasileiro que participou ativamente na luta pela conservação e preservação ambiental. Foi secretário-especial do Meio Ambiente da Presidência da República de 1990 a 1992. Em 1971, depois de treze anos como executivo da Basf, abandonou a carreira para denunciar o uso indiscriminado de agrotóxicos nas lavouras do Rio Grande do Sul. A partir de então, se dedicou à natureza e defendeu o desenvolvimento sustentável na agricultura e no uso dos recursos não renováveis, alertando para os perigos do modelo de globalização em vigor. Participou da fundação da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN) - uma das entidades ambientalistas mais antigas do país - e criou a Fundação Gaia. Leia mais na edição número 18 da IHU On-Line, intitulada Lutzenberger: uma vida em favor da natureza, publicada em 20 de maio de 2002. O conteúdo está disponível em www.ihu.unisinos.br. (Nota da IHU On-Line)

miolocorreto.indd 10 12/4/2010 17:06:29